



Palavras Chave:  
→Ritos Iniciáticos  
→Dor  
→Morte Iniciática  
→Processo  
Saúde-Doença  
→Transformação

Bianca Agresta de Carvalho Domanicos <biancadomanico@terra.com.br>

- Fisioterapeuta
- Especialista em RPG e Isostretching
- Especialista em Cinesiologia Psicológica - Instituto Sedes Sapientiae

# *A Dor como Processo Iniciático*

Este artigo estabelece uma relação análoga da dor física, vivenciada pelo homem moderno, e os processos iniciáticos vivenciados pelos povos primitivos e civilizações antigas. O propósito dos ritos iniciáticos é tornar conscientes as experiências de vida na linguagem da Alma (*Self*), através dos mitos, símbolos e rituais, semelhante ao que ocorre no processo da dor física e da doença. A dor física pode ser considerada como expressão simbólica dos conteúdos do inconsciente pessoal e coletivo – o curador interno, o mártir – vivenciadas no corpo, contribuindo para os valores morais e éticos, e constituindo um importante papel na regulação do comportamento e das relações interpessoais.

Os ritos iniciáticos eram comuns nos povos e civilizações antigas e ainda são realizados em povos primitivos, como os aborígenes da Austrália. Esses rituais marcam a passagem da infância para a vida adulta, deixando marcas físicas e psicológicas, que transformam a criança em adulto (CAMPBELL, 1990, p. 86).

Nesses rituais iniciáticos são realizados atos dolorosos, onde os jovens são submetidos à circuncisão, ficam isolados sozinhos, sem alimento, em cavernas, praticam danças ritualísticas sobre o fogo etc., marcando a transformação do corpo, de criança para adulto, mas principalmente levando a um domínio psicofísico sobre a dor, o medo e as privações. A iniciação abala a visão de mundo e exige que o indivíduo entre em contato com suas mais profundas fontes de sabedoria descobrindo, assim, novas alternativas e possibilidades (PEARSON, 1998, p. 57)

Através desses ritos iniciáticos o indivíduo vivencia experiências mitológicas do consciente ou inconsciente coletivo, incorporando conteúdos que ampliam a sua consciência. Essa vivência mitológica desenvolve um ego bem estruturado e resistente, pronto para suportar e vivenciar outras experiências psicológicas ou conteúdos inconscientes (CAMPBELL, 1990, p. 86). Como descreve Pearson (1998, p. 55) o propósito da iniciação é tornar conscientes as experiências de vida não na linguagem do ego, mas na linguagem da Alma (*Self*), através dos mitos, símbolos e rituais. Esta "Jornada do Herói" exige que nos livremos do medo de enfrentar a dor, a morte e a perda, a fim de experimentar a integridade da vida.

Segundo Paz (1995, p. 28-29), "o mito é a expressão de um conhecimento primordial", que leva à compreensão de um significado relacionado a um poder religante. Esta experiência religante é um encontro com a Realidade. Esta Realidade é entendida como Inconsciente, abrangendo o inconsciente pessoal e coletivo. A experiência interna da unidade pressupõe a passagem da obscuridade, do perigo para a luminosidade e para a ordem. A descoberta deste poder religante é obtida após a passagem pelas provas de vida, tal como estas se apresentam à limitada percepção racional. Pela iniciação, e suas etapas ao longo da existência, o indivíduo atinge o seu despertar espiritual, através da **morte iniciática** (morrer para um modo de vida profano, a fim de nascer para a Realidade). Os mitos de transformação operados através da morte iniciática, conservam o caráter probatório: reclusão, provas, torturas, morte e ressurreição.

Nos povos primitivos a vivência do mito nos rituais iniciáticos é consciente, pois eles possuem uma linguagem simbólica para expressar o mundo (JUNG, 1998, par. 304). Segundo Ramos (1994, p. 14), o homem primitivo mantém muito mais preservada a sua "unicidade original" comparado ao homem moderno que, através de "super imposições de estruturas conscientes ao redor do ego, fê-lo afastar-se de sua origem, de seu Self". Assim, nos povos "civilizados" a mentalidade é abstrata, conceitual, não simbólica, a relação com o símbolo é menor, havendo um predomínio consciente. A vivência dos mitos nos rituais iniciáticos modernos – como, por exemplo, as tatuagens – perdeu significado e, quando acontece, é inconsciente. Como ilustra Dahlke (2001, p. 32) "o significado dos rituais perde seu embasamento na consciência e mergulha na sombra".

Em todos estes rituais, principalmente os coletivos, o cumprimento do mito opera uma

transformação psicológica individual e interior, transformando crianças em membros da sociedade, com domínio psicofísico, tolerância e responsabilidades. O indivíduo passa a assumir o seu papel ativo na sociedade em que vive (CAMPBELL, 1990, p. 88).

Em nossa sociedade atual, além desses ritos iniciáticos desaparecerem, os que existem, como o casamento e as cerimônias religiosas, são desprovidos de significado mitológico ou de uma experiência interior, que opere alguma transformação propriamente (CAMPBELL, 1990, p. 89; RAMOS, 1994, p. 14; DAHLKE, 2001, p. 32). Observamos pessoas adultas que se infantilizam e que ainda se sentem obedientes aos pais, não toleram frustrações, dores físicas ou psicológicas, e não desenvolvem uma estrutura egóica capaz de entrar em contato com seus conteúdos inconscientes, pessoais ou coletivos. Como descreve Dalke (2001, p. 33), são roubadas destas pessoas substanciais oportunidades de amadurecimento sem a iniciação, tornando-as como "crianças burguesas, que permanecem em casa como verdadeiros apêndices do amor paterno e materno".

Essa estrutura egóica frágil é caracterizada pela intolerância às frustrações e às dores e pela busca de soluções rápidas e fáceis para todas as questões. Isso é um fenômeno coletivo de nossa época, comprovado pelo abuso no consumo de medicamentos antidepressivos, tranqüilizantes, ansiolíticos, anorexígenos e hipnóticos (Folha de São Paulo, 16/6/2005), traduzindo a busca de soluções rápidas e objetivas (ego) para questões complexas e subjetivas (*Self*).

A nossa sociedade busca o ideal de prazer e perfeição, através de uma supervalorização egóica e na constituição de personas, suprimindo e negando a sombra, individual e coletiva. Isto cria uma lacuna na formação e desenvolvimento do indivíduo, tanto no contexto pessoal quanto no coletivo. Segundo Jung (1998, par. 472), "para educar um indivíduo para a autonomia e para uma vida plena é preciso levá-lo à assimilação de todas as funções que bem pouco ou mesmo nenhum desenvolvimento consciente alcançam".

A vivência unicamente consciente, motivada pela busca do prazer, é extremamente objetiva, isto é, considera apenas as necessidades do ego, e não permite ao indivíduo a apreensão das outras funções e a integração da sombra, não permitindo assim a sua individuação. Além disso, uma vivência apenas egóica afasta-o do seu papel coletivo, pois sem o reconhecimento da linguagem mitológica do inconsciente, o indivíduo não consegue se reconhecer como parte do todo (Realidade). Pode-se perceber aí a importância da vivência dos mitos do inconsciente coletivo nos rituais iniciáticos, para uma formação plena e autônoma.

A apreensão unicamente consciente das experiências, sem a integração dos conteúdos simbólicos inconscientes, torna estes conteúdos (agrupados em complexos) independentes do controle central da consciência e carregados de energia psíquica latente, atuando como personalidades independentes e autônomas, que invadem a consciência quando o ego encontra-se fragilizado ou rebaixado, ou como define Jung, citado por Ramos (1994, p. 42) "em conseqüência de sua autonomia [...] capazes de cruzar ou contrariar as intenções do indivíduo".

Estes complexos podem se expressar à consciência de diferentes formas, por exemplo,

“  
o homem primitivo  
mantém muito  
mais preservada a sua  
'unicidade original'

”

“  
nossa sociedade  
busca o ideal  
[...] suprimindo e  
negando a sombra

”

através dos sonhos. Alguns sonhos, segundo Jung (1998, p. 183), possuem um caráter compensatório em relação aos conteúdos conscientes, em determinado momento. *"No processo consciente de reflexão é necessário que, enquanto possível, tenhamos em mente todos os aspectos e conseqüências de um problema, de modo a encontrar a solução corrente. Esse processo prolonga-se durante o estado mais ou menos inconsciente do sono, onde, como nos parece mostrar a nossa experiência atual, se apresentam ao sonhador todos aqueles pontos de vista que durante o dia foram insuficientemente considerados ou totalmente ignorados, isto é, que se mantiveram mais ou menos inconscientes".* E ainda completa, *"nossa fórmula sustenta apenas que o sonho é a representação simbólica de conteúdos inconscientes".*

Assim como nos sonhos, a dor física e alguns distúrbios somáticos podem ser considerados em alguns casos, como expressão simbólica dos conteúdos inconscientes. Jung (1998, par. 502) pondera que *"os estímulos somáticos só excepcionalmente têm uma significação determinante. Geralmente esses estímulos se integram completamente na expressão simbólica do conteúdo inconsciente do sonho ou, dito de outro modo: são utilizados como meio de expressão".* Alfred J. Ziegles, citado por ZWEIG & ABRAMS (1999, p. 106) explora os sintomas da doença como sintomas da vida não vivida. Jung (APUD RAMOS, 1994, p. 42) estabelece a relação entre o sintoma e o complexo: *"quanto maior a intensidade e a autonomia do complexo, maior a sintomatologia".* Em outro momento Jung pondera que *"os sintomas físicos e psíquicos não são nada mais do que manifestações simbólicas de complexos patogênicos"* (IBID, 1994, p. 39).

Quando a nossa consciência se retira dos conteúdos que lhe são penosos, estes só podem alcançar a consciência indiretamente, sob a forma de sintomas. Jung demonstra isto em uma passagem em que descreve o caso de um oficial de 27 anos que sofria de violentos ataques de dores na região do coração e dores no calcanhar, sem causa aparente. Mais tarde, descobriu que pouco antes dos sintomas se manifestarem a moça que ele namorava rompeu com ele. Sendo a sintomatologia de uma doença, ao mesmo tempo uma tentativa natural de cura – as dores do coração, por exemplo, são uma tentativa de produzir uma explosão emocional. O sintoma do calcanhar, analisado juntamente com o sonho do rapaz, no qual ele foi mordido no calcanhar por uma serpente, eleva ao nível de um acontecimento mítico (camadas mais profundas do inconsciente). (JUNG, 1998, p. 84).

*"A dor, assim como as doenças, insiste em clamar pela atenção do indivíduo, aos seus traços recessivos e defeitos, suas dificuldades, que tendem a descer ao corpo, insistentes, muitas vezes com caráter mítico".* (ZWEIG & ABRAMS, 1999, p. 114)

Fordham, (APUD RAMOS, 1994, p. 42) coloca que o *Self* se expressa como todos os arquétipos na experiência corporal e em imagens arquetípicas. Jung afirma ainda, nos seminários sobre Nietzsche, que o inconsciente só pode ser experimentado no corpo e que este é exclusivamente a manifestação do *Self*.

Um outro exemplo da dor como um fator transformador é a descrição de caso de Silvia (2004): um paciente que sofria de dores e rigidez nas articulações que ao longo do processo terapêutico foram melhorando, através de uma conexão estabelecida entre o ego e o *Self*, permitindo o fortalecimento do ego e o próprio reconhecimento

de si, "permitindo fazer suas próprias escolhas". Estabelecendo um paralelo com os processos iniciáticos, o indivíduo desenvolveu o domínio psicofísico, entrando em contato com sua sombra, transformando a criança em um adulto autônomo. Dahlke (2001, p. 33) coloca a doença como "a corporalização problemática de um padrão", que obriga o doente a vivenciar conscientemente este padrão. Um acontecimento patológico é, conseqüentemente, um ritual inconsciente, que mergulhou na sombra, e o primeiro passo para a cura é buscar este ritual na consciência, fazendo o que o sintoma nos obriga a fazer.

Magaldi Filho (2000, p. 10) descreve que os sofrimentos que violam os indivíduos explodem em crises e são relatados em forma de queixas pelos pacientes, passando a constituir um meio para o Sagrado, face a violência da dor. A doença, assim, pode ser vista "como um ofício Sagrado, um sacrifício imposto ao homem contemporâneo para iniciar-se rumo à transcendência".

Ramos (1994, p. 28) cita Meite ao descrever que o processo de cura ocorre através da constelação de um símbolo ou do arquétipo da totalidade, o mesmo que ocorre nos ritos de iniciação. A maioria das culturas pré-modernas e primitivas teve uma compreensão mais profunda da natureza inseparável da saúde e da doença, e do aspecto uno do indivíduo, considerando o papel transformador da doença. Eles desenvolveram uma medicina baseada no respeito pelo espiritual e pela busca de um significado maior com relação à saúde-doença, em que a cura era estabelecida pela "religação" do homem com o divino, através do arrependimento e sacrifício. Seus mitos e rituais incorporam essa sabedoria (RAMOS, 1994, p. 15; ZWEIG & ABRAMS, 1999, p. 114).

A prova iniciática às vezes, aparece simbolizada pelo tema do herói engolido pelo monstro. Como ilustração, o mito polinésio de Mani: um herói maori que volta à sua pátria depois de uma vida plena de aventuras e se dirige à casa de sua avó, a Grande Dama da Noite. A grande gigante está adormecida e o herói se desnuda para entrar em seu ventre. Mani é acompanhado por pássaros e pede a eles que não façam barulho, mas quando tem a metade do corpo fora da boca da gigante, os pássaros riem, a grande dama cerra os dentes e o herói morre. O mito enfatiza o tema da morte como necessidade de mudança de estado (PAZ, 1995, p. 29-30).

A dor apresenta-se em grande parte das patologias físicas e, além das suas atribuições biológicas relacionadas à proteção do organismo contra agressões, possui seu papel no desenvolvimento psicológico do indivíduo (MAC BRYDE & BLACKLOW, p. 1975). A dor conscientiza algo que está errado no organismo, seja a presença de um agente patogênico, um agente físico ou algum desequilíbrio de conduta, por excesso ou falta de alimento, de líquido, de exercício físico ou de trabalho, exigindo uma transformação, uma ampliação da percepção, semelhante ao que acontece nos ritos iniciáticos. A dor e a iniciação desafiam o indivíduo a suportar o senso de desorientação e abrir-se para um conhecimento mais profundo a respeito do que ele precisa enxergar e não está enxergando (PEARSON, 1998, p. 58).

Fisiologicamente, para se "eliminar" a dor (processo de cura), é necessária uma mudança de hábitos de vida ou atitudes, que muitas vezes podem trazer privações (alimento, bebidas, cigarro, movimentos) e frustrações do indivíduo. Essas mudanças atingem também o âmbito comportamental. Em qualquer mudança é necessário

“  
explora os  
sintomas da doença  
como sintomas  
da vida não vivida  
”

“  
A dor [...] possui seu papel  
no desenvolvimento  
psicológico  
do indivíduo  
”

analisar "o que estou fazendo errado", "o que preciso mudar", "onde preciso melhorar", "quais são os meus defeitos", "o que estou deixando de olhar". Inevitavelmente, entra-se em contato com conteúdos penosos para o indivíduo (sombra) ou desenvolve-se novas aptidões (funções) nunca antes conhecidas.

Sofrer a dor contribui para os valores morais e éticos, constituindo um importante papel na regulação do comportamento e das relações interpessoais (MAC BRYDE & BLACKLOW, 1975), função semelhante à dos processos iniciáticos dos povos primitivos, quando o indivíduo amplia a sua percepção do Todo e se conscientiza de seu papel naquela sociedade. (RAMOS, 1994, p. 14)

Neste contexto, a dor traz a expressão de conteúdos do inconsciente pessoal e coletivo – o curador interno, o mártir – vivenciadas no corpo. Assim como nos ritos iniciáticos, a dor muitas vezes exige do indivíduo períodos de privação, medo, frustração, recolhimento, reflexão entrando em contato com seus próprios fantasmas (sombra). Para superá-la ele passa por um processo de descobertas de novas formas de pensar, fazer, agir e ser (assimilação das funções), adquirindo o domínio psicofísico, assumindo a sua vida, e sua parte integrante no todo (individuação). Agora, em um "corpo-mente" adulto.

Quando existe a intensificação da dor ou sintoma, as defesas do ego ficam diminuídas e o *Self* se encarrega de libertar o segredo que ele estava manifestando de forma simbólica, podendo haver o resgate do sentido da vida. A energia represada caminha livremente, o ego se integra e se estrutura, pois passa a lidar de maneira mais segura com o conteúdo simbólico do inconsciente, e o complexo antes constelado se desfaz. Isto torna o ego mais forte, permitindo que os conteúdos simbólicos se manifestem, promovendo a superação do estado de alienação primordial. (MAGALDI FILHO, 2000, p. 16)

A dor transforma-se na preparação para a jornada, antes negada, passando pela segurança do Inocente (ego), pela capacidade de superar a dor e a desilusão do Órfão (domínio psicofísico) e pela coragem e disciplina do Guerreiro (mudança de comportamento – Cura), reconhecendo seu papel no grupo, no todo através da compaixão e generosidade do Caridoso (percepção do Todo – coletivo). ❏

## Bibliografia

---

- CAMPBELL, J. **O poder do Mito, com Bill Moyers**; São Paulo; Ed. Palas Athenas, trad. Carlos Felipe Moisés, 1990.
- DAHLKE, R. **A doença como linguagem da Alma: os sintomas como oportunidades de desenvolvimento**, São Paulo; Ed. Cultrix, trad. Dante Pignatari, 3ª ed., 2001.
- FOLHA DE SÃO PAULO, **Quando o remédio causa doenças**, Folha Equilíbrio, Iara Biderman e Moisés Dávila, São Paulo, 16/Junho/2005.
- JUNG, C.G. **A natureza da psique**, Petrópolis; Ed. Vozes, 4ª ed., Vol. VIII/ 2, 1998.
- MAGALDI FILHO, W. "A relação de ajuda. Reflexões sobre o curador e o ferido". In: Grandke, C. H. P., **Homeopatia: uma visão junguiana**, 1ªed., São Paulo: Typus, 2000.
- MAC BRYDE, C.M. & BLACKLOW, R.S. **Sinais e sintomas: Fisiopatologia aplicada e interpretação clínica**, Rio de Janeiro; Ed. Guanabara-Koogan, 5ª ed., 1975.
- PAZ, N. **Mitos e Ritos de Iniciação nos Contos de Fadas**, São Paulo, trad. Maria Stela Gonçalves, Ed. Cultrix/Pensamento, 10ª edição, 1995.
- PEARSON, C. S. **O despertar do herói interior: a presença dos doze arquétipos nos processos de autodescoberta e de transformação do mundo**, São Paulo, Ed. Pensamento, trad. Paulo César de Oliveira, 10ª edição, 1998.
- RAMOS, D. G. **A psique do corpo: uma compreensão simbólica da doença**, São Paulo; Ed. Summus, 2ª ed., 1994.
- SILVIA, G.P. "LER / DORT - O Príncipe que virou sapo e..." **Revista Jung & Corpo**, São Paulo, Ano IV, nº4, 2004.
- ZWEIG, C & ABRAMS, J. **Ao Encontro da Sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza**, São Paulo, trad. Merle Scoss, Ed. Cultrix, 9ª edição, 1994.